

Sexta-feira, 7 de Março de 1958

RUBEM BRAGA

LEMBRETE

PUBLICA o «Mundo Ilustrado» uma entrevista com o investigador que, em 1936, escoltou até a Alemanha, a bordo de um navio alemão, duas mulheres que a nossa polícia entregou a Hitler: Olga Benario Prestes e Elisa Berger. Eram duas alemãs que vieram ao Brasil acompanhando seus maridos Luís Carlos Prestes e Harry Berger, chefes comunistas. Ambas também eram, com certeza, comunistas, mas não se sabe se aqui tiveram alguma atuação.

Os dois homens continuaram presos ainda muitos anos, um deles, Berger, físico e mentalmente arruinado pelas torturas que sofrera e vira praticar pelos policiais sádicos na carne de sua mulher nua. As duas mulheres foram mandadas entregar à polícia nazista, isto é, ao campo de concentração e à morte.

Foi êsse um dos atos mais covardes e vergonhosos da era getuliana. Não tem perdão de nenhuma espécie. Nem é possível dizer que se tratou de um excesso praticado por algum esbirro. Não. A expulsão, isto é, a condenação à tortura e à morte dessas duas mulheres, não poderia ser feita e não foi feita sem a aprovação das altas autoridades: chefe de Polícia (Filinto Müller), ministro da Justiça (Ráo) e presidente da República (Vargas). Apesar do terror e da censura daquele tempo não faltaram clamores vindos do fundo da prisão, nem apelos, que foram ouvidos com indiferença pelos poderosos. Comissões de mulheres procuraram também inutilmente as mulheres ou filhas dos poderosos do dia para evitar a entrega irreparável e repugnante. Não. Era preciso fazer uma gentileza para com os assassinos da polícia nazista. O governo brasileiro entregou-lhes as duas mulheres. Duas mulheres presas, que nenhum mal poderiam fazer ao nosso país, que não ofereciam perigo de qualquer espécie. Foram entregues para serem exterminadas, e foram exterminadas.

E, na verdade, uma das páginas mais nojentas de nossa história. Nenhum dos culpados jamais alegou em seu favor a mais mínima das desculpas. Para que? O povo não tem memória, e os políticos não podem tê-la. Mas é bom que de vez em quando se narre outra vez essa história nojenta e fria — para que a História a leve em conta, um dia, quando julgar os homens que mandaram neste país.